

PORTO VELHO E O ROCK: HISTORIOGRAFIA DAS CANÇÕES ENTRE OS ANOS 2000 A 2010

Patrícia Sautiro Fernandes¹

RESUMO

O presente trabalho tem como foco a análise de letras de canções escritas por bandas de rock em Porto Velho, Rondônia, no período dos anos de 2000 a 2010. O problema central discutido neste trabalho consiste no fato de Porto Velho não alcançar visibilidade como uma cidade que produz canções com temáticas que fogem do regionalismo e os temas ligados à natureza, predominando na cena artística canções com conteúdos locais. O objetivo principal é, portanto, destacar canções que foram produzidas a partir de temas que se distinguem do paradigma amazônico. Fazendo uso de uma abordagem metodológica que combina pesquisa bibliográfica, historiográfica, entrevistas e aprofundamento teórico, o estudo oferece uma visão sobre o cenário canceiro portovelhense, concentrando-se em uma contextualização do gênero poesia lírica e canção na literatura. Em seguida, realizamos a análise de algumas canções compostas pelas bandas: Coveiros, Ultimato, Nitro e Versalhes. Nossa análise será pautada por autores como Cara Salette de Almeida (1985) e João de Jesus Paes Loureiro (2015) para tratarmos da canção enquanto poesia lírica, e Luís Augusto Fischer (2021) e Roberto Acízelo Souza (2014) para delinear os conceitos referentes ao exercício historiográfico. Por fim, destaca-se que esse artigo pretende contribuir para que se criem novas formas de ver as canções produzidas em Porto Velho e que essa seja uma janela para dessacralizar a visão que se tem da Amazônia.

PALAVRAS-CHAVE: Porto Velho. Amazônia. Historiografia Literária. Canção. Rock.

PORTO VELHO AND ROCK: HISTORIOGRAPHY OF SONGS FROM 2000 TO 2010

ABSTRACT

This paper focuses on the analysis of lyrics written by rock bands in Porto Velho, Rondônia, between 2000 and 2010. The central problem discussed in this work is the fact that Porto Velho has not achieved visibility as a city that produces songs with themes that go beyond regionalism and themes linked to nature, with songs with local content predominating in the artistic scene. The main objective is therefore to highlight songs that have been produced using themes that break away from the Amazonian paradigm. Using a methodological approach that combines bibliographical and historiographical research, interviews and in-depth theoretical analysis, the study offers an insight into the songwriting scene in portovelhense, focusing on a contextualization of the genres of lyric poetry and song in literature. We then analyze some songs composed by the bands: Coveiros, Ultimato, Nitro and Versalhes. Our analysis will be guided by authors such as Cara Salette de Almeida (1985) and João de Jesus Paes Loureiro (2015) to deal with the song as lyric poetry and Luís Augusto Fischer (2021) and Roberto Acízelo Souza (2014) to outline concepts relating to the historiographical exercise. Finally, it should be noted that this article aims to help create new ways of looking at the songs produced in Porto Velho and that this is a window to desacralize the view of the Amazon.

¹ Mestranda em Estudos Literários – PPGMEL-UNIR, linha 2: Literatura, Memória e Identidade Pan-Amazônicas; ORCID: <https://orcid.org/0009-0007-3642-7427>. Graduada em História; professora na rede estadual de educação de Porto Velho. E-mail: patriciasautiromel@gmail.com

KEYWORDS: Porto Velho. Amazonia. Literary Historiography. Song. Rock.

1. INTRODUÇÃO

A canção, como forma de expressão artística, desempenha um papel fundamental na construção e representação da identidade cultural de uma comunidade. Nesse sentido, este artigo visa examinar o percurso da produção literária voltada para a autoria de canções na cidade de Porto Velho, capital do estado de Rondônia, com um enfoque especial nas canções de bandas de rock formadas na cidade e que escreveram, ou enunciaram, as composições de letras durante o período dos anos de 2000 a 2010.

Escolhemos trabalhar com o gênero canção, pois após um exame, que pretendia verificar o estado da arte para delimitar o tema deste trabalho, verificou-se que não existem pesquisas com este recorte no estado de Rondônia, mesmo havendo um cenário artístico rico que nos fornece subsídios para o desenvolvimento de estudos dessa natureza.

Optamos por delimitar nossa pesquisa com relação a primeira década dos anos 2000 por esse ter sido um período fértil para as composições de canções, haja vista que Porto Velho oferecia meios para que bandas locais conseguissem divulgação de suas composições de forma gratuita. Foi o caso da festa dos estudantes², tradicional de Porto Velho e que contava com apresentações de grupos recém formados por estudantes de escolas públicas da cidade.

Havia também o Festival Casarão³, festival de rock que, além de trazer atrações nacionais, também concedia espaço para bandas de todo o estado de Rondônia se apresentarem. E dado que nessa época as mídias sociais, como *Facebook* e *YouTubé*⁴, estavam em ascensão, isso possibilitou ao nosso estudo uma fonte de consulta a mais para investigação, pois os artistas usavam esses meios para postagem de vídeos de suas composições e apresentações.

Nosso estudo concentra-se em um cenário cultural dinâmico, onde as composições transcendem estereótipos tidos como regionais, abraçando expressões universais. Pretendeu-se analisar

²TEM FESTA DOS ESTUDANTES NA SEXTA-FEIRA. Prefeitura de Porto Velho, 2007. Disponível em: <https://www.portovelho.ro.gov.br/artigo/2341/tem-festa-dos-estudantes-na-sexta-feira>. Acesso em 26 mai. 24.

³GOMES; JÚNIOR. Relembre os 20 anos de História do Festival Casarão. G1 Rondônia, 2020. Disponível em: <https://g1.globo.com/ro/rondonia/noticia/2020/07/14/relembre-os-20-anos-de-historia-do-festival-casarao-previa-online-comeca-na-quarta15.ghtml>. Acesso em 26 mai. 24.

⁴Muitas bandas criaram canais no site para divulgar seus trabalhos, como é o caso da banda Ultimato. <https://youtube.com/@ultimato7030?si=8Swo5FQxtTdb0cmj>.

as letras de canções apresentadas por bandas de rock, destacando a diversidade de conteúdos que escaparam dos padrões tradicionais associados à região, que de acordo com João de Jesus Paes Loureiro (2015), marcam a produção artística da Amazônia:

(...) é necessário compreender-se que algumas formas artísticas da cultura amazônica, mesmo originárias de fontes perdidas na memória coletiva, assumiram características de uma arte regional, de arte popular, capazes de manter suas significações mesmo transferidas para outros contextos socioculturais. Embora muitas vezes motivadas em modelos de origem folclórica, são obras artísticas recentes, expressão de individualidades, de autoria reconhecida, apresentadas ao público como obras autônomas expressando suas próprias significações. (Loureiro, 2015, p. 307)

Porém, o que desejamos com este trabalho é destacar obras que sugerem um outro entendimento e forma de abordar a natureza da produção cultural na região amazônica, complementando o argumento de Loureiro, mostrando que as artes na Amazônia não ficam limitadas a uma poética do imaginário carregada de elementos específicos da região.

Em consonância com nosso viés, José Guilherme dos Santos Fernandes faz a seguinte provocação em relação ao tema: “Minha hipótese é que o caráter nacional ou regional da produção amazônica, ou amazônida, é menos uma questão conceitual e mais um exercício metodológico” (Fernandes, 2004, p. 112).

Partindo desses pressupostos, essa delimitação metodológica nos ajuda a conduzir o estudo, traçando uma pequena historiografia das canções de rock produzidas, ou enunciadas, por bandas formadas em solo portovelhense. É importante destacar que algumas informações, como os nomes dos álbuns, não estão presentes nas canções analisadas neste estudo. Isso ocorre porque as letras foram compostas por grupos que, na época, não eram agenciados por gravadoras ou produtoras e que atuavam de forma independente.

As canções analisadas por esta pesquisa foram apresentadas pelas seguintes bandas: Coveiros (2000), Ultimato (2001), Nitro (2000) e Versalhes (2009). Também destacaremos composições da banda Quilomboclada (2003) e Bicho do lodo (2006) para que possamos fazer uma breve comparação e apoiar nosso argumento.

Esta pesquisa é do tipo bibliográfica e historiográfica, que adotou uma abordagem descritiva com enfoque qualitativo e foi dividida em duas etapas. Em um primeiro momento, contextualizamos a canção como um gênero literário, ressaltando sua aproximação com a poesia e traçando um panorama ao longo da história. Em seguida partimos para a análise de algumas letras compostas pelos grupos citados anteriormente.

2. CANÇÃO COMO GÊNERO LITERÁRIO

Ao longo da história, a canção entrou e saiu do rol do que a academia considera como gênero literário. Dos antigos hebreus até o trovadorismo medieval, a canção sempre teve uma função utilitária. A partir do período Moderno, as canções passam a ser vistas como Arte e suas letras ganham conotações das mais variadas, desde representar o estilo de vida da burguesia e da corte, retratar o trabalho dos operários nas novas cidades industriais europeias e também passou a conter letras para o divertimento da vida urbana, dos cabarés aos cafés concertos.

Já na contemporaneidade, a canção passa a oferecer a grandes artistas a possibilidade de premiação em diversas categorias, como foi o caso de Bob Dylan, que ganhou o Prêmio Nobel de Literatura em 2016 pela poesia contida em suas composições. Embora Bob Dylan tenha escrito alguns livros, a academia sueca não achou ser suficiente para seu laureamento, convocando a análise de sua vasta obra cancionista⁵. Vale ressaltar que as canções do artista apresentam temas que vão do amor romântico a protestos políticos.

Antes de Bob Dylan, outro autor, dessa vez um indiano que escreveu mais de 2000 canções, recebeu o Prêmio Nobel de Literatura em 1913. Além de compor canções, Rabindranath Tagore foi um importante ativista, poeta e prosador. Lutou pela causa nacionalista indiana e compôs os hinos nacionais da Índia e de Bangladesh.

No Brasil temos o exemplo de Chico Buarque, que foi indicado ao Oceanos, Prêmio de Literatura em Língua Portuguesa. Essa premiação surgiu para divulgar a literatura brasileira e passou a contemplar autores de todos os países de língua portuguesa. O compositor ganhou o Prêmio Camões em 2019, uma das maiores premiações de Portugal.

Discutimos a canção como parte do gênero literário “poesia lírica”, assim sendo, talvez seja a produção literária mais popular entre as pessoas, mesmo que no dia a dia pensemos na canção apenas como “música”. Neste caso temos duas definições distintas, de acordo com Cara Salette de Almeida (1985) a música envolve toda a questão da melodia e da instrumentalização e a canção que é envolvida com a oralidade, as tradições e o discurso.

Canção é letra e melodia. Enquanto arte, é produzida com determinadas finalidades estéticas, portanto, precisamos observar esse gênero em termos escritos e também orais. Ao longo da história

⁵O QUE HÁ DE DIFERENTE EM BOB DYLAN, NOBEL DE LITERATURA. Vermelho, 2021. Disponível em: <https://vermelho.org.br/2021/05/24/o-que-ha-de-diferente-em-bob-dylan-nobel-de-literatura/>. Acesso em 26 mai. 24.

do Ocidente, as narrativas orais serviram de base para muitos textos escritos. Podemos então considerar que a canção como gênero literário tem como fundamento a valorização da voz.

A herança clássica entre a música e a palavra carrega uma ambiguidade quando se trata da poesia contida no texto. Os gêneros lírico e épico surgiram como classificação na Grécia Antiga, ambos para definirem o lugar do narrador que conta a história. A poesia, classificada como gênero lírico, tinha o poeta narrando a poesia em primeira pessoa. No gênero épico, a voz épica narra o enredo para alguém, como se fosse um personagem.

O fato é que a oralidade, com sua musicalidade intrínseca, tornou essas definições ambíguas ao longo do tempo. A partir de pesquisa realizada por Salete de Almeida Cara (1985), temos a seguinte informação:

A Encyclopedia of Poetry and Poetics, de Princeton, vai buscar o sentido de lírica muito mais longe e adequadamente, a partir de sua origem na expressão musical. Por isso mesmo é que a relação como elemento musical está presente nos próprios termos que as várias culturas usam para designar essa poesia, que não é nem narrativa (épica) e nem dramática (teatral). (Cara, 1985, p. 13)

Ainda segundo Cara (1985), a palavra lírica carrega uma indeterminação: entre os gregos foi composta para ser cantada ou acompanhada por música, mas com a invenção da imprensa no Renascimento no fim da Idade Média, passou para o campo da palavra escrita para ser lida, tendo assim abandonado o acompanhamento musical,

Assim, se é verdade que não se pode procurar, na poesia, qualidades próprias da música, é preciso distinguir quais seriam as qualidades próprias da poesia que, apesar das mudanças, podem fazê-la reencontrar sua antiga tradição lírica. (Cara, 1985, p. 13)

A poesia mélica grega acompanhava poucos instrumentos de som e focava-se na voz e no conteúdo, dando maior liberdade para a composição do texto. Os instrumentos mais usados eram a flauta e a lira, daí a expressão “poesia lírica”. Até mesmo os romanos, que se inspiraram na cultura grega para produzir suas artes, foram impactados pela poesia lírica grega. Cara afirma que:

Apesar do caráter imitativo dessa poesia, que inclusive possibilitou o conhecimento, de viés, da própria poesia grega original, a poesia lírica romana consegue uma separação muito maior do que a grega entre instituições sociais, econômicas, políticas, jurídicas e a criação de um mundo imaginário, via palavras. (Cara, 1985, p. 17)

E, em se tratando de imaginário e condições para a produção dessa poesia lírica, mais adiante nos deteremos sobre as condições que influenciam a produção de canções na região Amazônica.

O conceito de canção que corresponde às análises propostas por este trabalho atravessa o conceito de poesia, portanto trabalhamos com a definição de José Miguel Wisnik, grande músico,

compositor, escritor e professor de Literatura Brasileira da Universidade de São Paulo. Em entrevista ao Sesc Tv, Wisnik foi perguntado sobre se ele acreditava que letra de música era poesia e responde:

Se a gente pensar o que é poesia e eu acho que poesia é a arte da palavra, então letra de canção é arte da palavra. E a arte da palavra poética, ela teve ao longo dos tempos diferentes suportes, então tradicionalmente o suporte dessa arte da palavra é a voz. E a voz é entoada, ritmada, a voz cantada... então na poesia antiga, grega antiga, a poesia lírica que hoje a gente conhece em suma nos textos, estão no suporte da página e a gente admira, né? Cultiva, cultua ao longo dos milênios como poesia, aquilo era originalmente canção. E mesmo aquilo que não era poesia lírica épica, era entoada, era ritmada de certo modo era ritmo e poesia (Sesc TV, 2019, 33”/1:35).

Em resumo, a reflexão de Wisnik oferece uma apreciação profunda da poesia como uma forma de arte dinâmica, que transcende os limites dos suportes tradicionais, mas mantém a essência da expressão poética através da palavra, seja ela falada, cantada ou escrita.

Sobre o mesmo aspecto destacado por Wisnik, no dia 23 de novembro de 2023 foram realizadas entrevistas com os compositores da banda Coveiros (2000), Giovanni Marini⁶ e Hélio Dantas⁷. Ambos compartilharam suas visões sobre as composições do grupo e Giovanni Marini afirma que as letras da Coveiros são poesia:

Olha, a pessoa mais indicada pra falar sobre esse aspecto seria o Hélio, né? Mas sim, são poesias sim, ele fala que são poesias grotescas né? Que não vem do coração, vem do intestino. Lembro claramente dele falar disso várias vezes. Eu acho que é mais ou menos isso mesmo, é poesia, mas é uma poesia visceral, é uma poesia que a gente tá mais preocupado em falar diretamente sobre coisas do que em trazer algo que faça as pessoas ficarem... é... buscando significado daquilo, ou se existe algo por trás. (Marini, Fernandes, 2023)

Para Hélio Dantas, as letras da banda são classificadas como “grito primal, um soco na boca do estômago” (Dantas, Fernandes, 2023). Denis Carvalho⁸ forneceu algumas informações⁹ sobre a Nitro (2000) e afirma também perceber as letras da banda como poesia, justamente por se tratar de letras sobre a história do cotidiano de pessoas conhecidas ou dos próprios membros do conjunto “é uma mescla entre poesia e realidade, [...] histórias reais” (Carvalho, Fernandes, 2024).

3. CANÇÕES DE ROCK EM PORTO VELHO: UMA PEQUENA HISTORIOGRAFIA

Essa pesquisa historiográfica surge a partir da observação de que, embora a historiografia literária tenha uma longa tradição, ela foi, nas últimas décadas, relegada a um papel secundário pela

⁶Entrevista com Giovanni Marini: realizada por meio de aplicativo de mensagens instantâneas.

⁷Entrevista com Hélio Dantas: realizada por meio de aplicativo de mensagens instantâneas.

⁸Atual vocalista e baixista da banda Nitro, que no final da década de 1990 se chamava Ossos do Ofício. Também atua como apresentador e produtor do programa de rádio Madeira Na Cena: <https://www.youtube.com/@madeiranacena7500>

⁹Entrevista com Denis Carvalho: realizada por meio de aplicativo de mensagens instantâneas no dia 18/01/2024.

academia. Isso se deve, em grande parte, ao fato de essa abordagem ser frequentemente criticada por concentrar-se excessivamente em cronologias e classificações, muitas vezes negligenciando outras perspectivas interpretativas mais amplas e complexas. Como disciplina acadêmica sofre com o descaso por parte de alunos e professores. Porém, ela nos fornece informações relevantes para um estudo mais completo da literatura, especialmente a nacional. De acordo com Hans Robert Jauss (2014),

A história da literatura vem em nossa época, se fazendo cada vez mais mal afamada – e aliás não de forma imerecida. [...] Todos os seus feitos culminantes datam do século XIX. Hoje, [...] a história da literatura, em sua forma tradicional, vive tão somente uma existência nada mais que miserável, tendo se preservado apenas na qualidade de uma exigência caduca do regulamento dos exames oficiais (*apud* Souza, 2014, p. 97).

Destarte, a história da literatura tem sido, nos dias atuais, sujeita a uma reputação cada vez mais desfavorável. Segundo Roberto Acízelo Souza (2014), esse fato não é completamente injustificado, embora o mesmo defenda que a história literária contribui para a formação de especialistas em estudos literários:

Quer-nos parecer que no fundo dessa rejeição liminar existe um pressuposto construtivista radical e nunca explicitado. A história da literatura, assim, por sua suposta ilusão de constituir a representação “natura” da literatura – tem a pretensão de trabalhar com “fatos”, como datas, vidas dos autores, condicionamentos socioculturais das obras, etc. -, simplesmente não pode ser levada a sério, pois todo conhecimento é construído, e ponto final (Souza, 2014, p. 99).

Souza é um ferrenho defensor da história da literatura, e argumenta que ela deve se afastar dos modelos tradicionais de historiografia para que os trabalhos nessa área voltem a ser relevantes, para alunos e professores, unindo teoria e o tempo histórico.

Luís Augusto Fischer (2021) também sai em defesa da historiografia literária. Para o autor é importante não só tratar de uma historiografia literária nacional, mas também incluir nessa linha do tempo informações e elementos relevantes que nos ajudem a compreender melhor como as obras foram produzidas dentro de determinado contexto econômico e social: “Como se pode contar a história da literatura brasileira hoje, neste começo de novo século? Os modelos tradicionais de relato historiográfico que lidam com os objetos têm ainda algum sentido?” (Fischer, 2021, p. 17).

Diante dessas questões, estudar a historiografia literária nacional brasileira nos faz perceber que existem problemas e lacunas, mas quando voltamos nosso olhar para averiguar a história da literatura da Amazônia nos deparamos com problemas ainda maiores. Uma das questões é que os autores da região Norte não fazem parte da historiografia nacional, mesmo tendo produzido nas últimas décadas trabalhos relevantes. As obras literárias produzidas na Amazônia são vistas pelo restante do país como

regionais. No entanto, observamos que essas produções merecem ganhar destaque na historiografia nacional e começar a construir sua própria história literária.

Para José Guilherme dos Santos Fernandes (2004), uma das questões capitais sobre a literatura produzida na Amazônia é como essa literatura pode ser nomeada: brasileira de expressão amazônica, da Amazônia ou amazônica? Fernandes recorre a vários autores para construir o debate e um dos pontos abordados por ele é de como a literatura produzida no Norte do Brasil é vista sempre como regionalista e desvalorizada. Para o estudioso, a designação mais adequada é Literatura da Amazônia:

Em seu primeiro sentido, a preposição *de* marca o lugar de onde provém algo, sua origem. Ademais, a ideia de causa é correlata à origem, o que implica dizer que a Amazônia é a origem e causa desse tipo de produção literária que funda um imaginário pautado em sua paisagem e identidade, transitórias entre o local e o universal: mas, atente-se, a Amazônia é ponto de partida e não um fim em si mesmo. E ainda mais, o que pode ser oportuno para uma análise que não procure essências amazônicas: ao dizermos “literatura amazônica” o adjetivo determina uma qualidade inerente ao substantivo, o mesmo não ocorrendo com a utilização da preposição, que antes aponta uma qualidade de momento (Fernandes, 2004, p. 115).

O autor enfatiza a transitoriedade dos elementos que compõem a produção literária amazônica, que se move entre o local e o universal. Seu comentário promove uma visão complexa e dinâmica da relação entre a Amazônia e sua representação literária, tendo em vista que as condições de produção artística mudam conforme a sociedade muda.

Porto Velho sendo a capital de um estado da Amazônia, acaba se tornando um local fértil para a produção de uma literatura que bebe na fonte do maravilhoso, dos mitos e das lendas. A composição de canções não escapa a esse fato e temos muitos artistas que têm seu repertório todo edificado em letras que tratam do cenário natural e das vivências cotidianas do homem amazônico. Todavia, temos no início dos anos 2000 bandas de rock que surgem compondo canções que possuem conteúdos globais, como *Intifada* (2002)¹⁰ da banda Coveiros.

A composição *Intifada* destaca-se por ser de uma banda de rock originária da região amazônica, abordando reflexões sobre um conflito entre as nações árabe e israelense.

Para confrontar o argumento exposto acima, apontamos aqui duas composições que se valem da atmosfera local amazônica: *Soul Quilomboclada* (2004)¹¹ do grupo Quilomboclada e *Candiru* (2006), do grupo Bicho do lodo.

¹⁰COVEIROS. *Intifada*. Disponível em: <https://open.spotify.com/intl-pt/track/5f5uhINhfVBOQIGHogtrmg5>. Acesso em 19 jan. 2024.

¹¹QUILOMBOCLADA. **Soul Quilomboclada**. Disponível em: <https://open.spotify.com/intl-pt/track/5J2SVysm8kkGeLeAWrMhAp?si=e95908a90e8647a2>. Acesso em 19 jan. 2024.

A composição *Soul Quilomboclada* (2004) traz em sua letra um pouco do universo do caboclo que vive às margens do rio. Para Loureiro (2015), que analisa a estética poetizante que envolve a produção literária amazônica, isso é algo natural daquele que vive na região:

A cultura amazônica, em que predomina a motivação de origem rural-ribeirinha, é aquela na qual melhor se expressam, mais vivas e se mantêm as manifestações decorrentes de um imaginário unificador refletido nos mitos, na expressão artística propriamente dita e na visualidade que caracteriza duas produções de caráter utilitário – casas, barcos etc. (...). (Loureiro, 2015, p. 77)

Porém, sendo Porto Velho uma cidade urbanizada que carrega uma cultura muito variada, descendente de sua formação histórica, ela também convive com a cultura cabocla/ribeirinha. Portanto, quando este trabalho se propõe a analisar letras de canções que tocam em temas que ultrapassam essas fronteiras culturais, queremos mostrar a variedade de perspectivas artísticas presentes.

Entre os anos de 2003 e 2010 temos algumas canções compostas sobre temas ligados às angústias e expectativas da juventude. São elas: *Minha Mente Ainda É a Mesma* (2003)¹² da Banda Nitro; *I Don't Depend On You* (2007)¹³, letra composta em inglês pela banda Ultimato; *Escudo Partido* (2008)¹⁴ da banda Coveiros, e *Atrás da Solidão* (2010)¹⁵ da banda Versalle.

No ano de 2006, temos duas composições que nos permitem consolidar algumas considerações a respeito de como as bandas aqui citadas constroem suas letras a partir de suas identidades enquanto grupos musicais da cidade: *Candiru*¹⁶, do grupo Bicho do lodo e *I Don't Depend On You* da Ultimato.

O grupo Bicho do lodo escreveu *Candiru* (2006) que se trata de um verso, repetido várias vezes pelo vocal, sobre um peixe de água doce específico dos rios da Bacia Amazônica:

Criatura nefasta estranha
Um perigo para quem se banha
Criatura nefasta estranha
Um perigo para quem se banha
Entra na entranha
Entra na entranha
Quem tem? Quem tem medo do candiru?

¹²NITRO. **Minha mente ainda é a mesma**. São Paulo: CMS Digital Music, 2003. Disponível em: <https://open.spotify.com/intl-pt/album/3BqWXQxiPnGShqyJrI9CrB?si=u1BwJpNtSLeBUZ-OgzTTLw>. Acesso em 19 jan. 2024.

¹³ULTIMATO. **I don't depend on you**. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=7thkC6MG25A>. Acesso em 19 jan. 2024.

¹⁴COVEIROS. **Escudo Partido**. Disponível em: <https://open.spotify.com/intl-pt/track/4zUvleZ6zaRx0UH4LaV1NU>. Acesso em 19 jan. 2024.

¹⁵VERSALLE, **Atrás da solidão**. Disponível em: <https://open.spotify.com/intl-pt/track/3a6Np63RXLy6ffBmjzoY7q?si=61cfbc5a2d304d9b>. Acesso em 19 jan. 2024.

¹⁶LODO, Bicho du. **Candiru**. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=h4v0oct1FE8&t=114s>. Acesso em 19 jan. 2024.

Quem tem? Quem tem medo do candiru?
(Bichu do lodo, 2006)

Pessoas que vivem na região amazônica reconhecem de pronto o “perigo” do qual trata a letra de *Candiru*: peixe¹⁷ nativo dos rios amazônicos e temido por parte da população que se banha nas beiras de rios.

Ao fazermos uma análise do ritmo que acompanha esta letra, percebemos que não é uma canção que se caracteriza apenas como uma canção de rock. Bicho do lodo foi um grupo musical que fez uma mistura de ritmos para acompanhar suas composições. Sua musicalidade vai do rock ao samba, passando pelo *reggae*. Os ritmos usados têm clara influência do carimbó, uma dança tipicamente amazônica. Portanto, temos em *Candiru* uma letra que remete ao universo dos rios amazônicos combinada com um ritmo nativo amazônico.

Já a banda Últimato escreveu a canção *I Don't Depend On You* (2006) em língua inglesa para expressar os sentimentos da juventude:

This is my life I'll never change
I'll never change
Lamentation of the society
but I will continue
they look at me
but I can't be like this
All their bad things are hypocrisy and falsity
but my ideology is my only friendship
You can say, you can speak
I'm gonna live like this
I am free
I don't depend on you
Fight for peace
but they are not satisfied
they shout for mercy
but they live in discord
they kill the old and
but they call me by marginal
I don't depend on you
I don't belong to you
I can't stand you (Úlimato, 2006)

Mesmo não sendo a única composição local em língua inglesa, uma vez que a banda Coveiros também possui letras escritas em inglês, *I Don't Depend On You* nos chama atenção quando tentamos pensar quais foram os motivos de tal escolha estética.

¹⁷CANDIRU. Prefeitura Municipal de Belém, s.d. disponível em: <http://www.belem.pa.gov.br/ver-belem/detalhe.php?p=264&i=1>. Acesso em 26 mai. 24.

Existem várias razões pelas quais uma banda da Amazônia, ou de qualquer outra região do mundo, opta por escrever uma canção em língua inglesa. A banda pode ter almejado que sua letra alcançasse um público além das fronteiras da América, ou pensado em oportunidades de mercado e parcerias. Ao analisar as composições musicais da banda como um todo, nota-se algumas influências internacionais. Refletimos se talvez essas influências contribuíram para um desafio criativo da banda ao compor a letra.

As duas canções em destaque refletem o que Ana Pizarro (2012) chama de “vozes plurais”, mostrando que há uma diversidade de olhares sobre a vivência numa mesma localidade.

Apesar de muitas letras produzidas por artistas da cidade esbarrarem em temas específicos da vivência dos portovelhenses, as letras aqui analisadas se valem de uma estética que também toca quem não é da região. Como por exemplo, as composições da banda Ultimato de 2007: *Em Cima da Pedra*¹⁸ e *Cidade Sol*¹⁹. A primeira tratando sobre a construção de usinas hidrelétricas e a segunda sobre a violência urbana.

Em todas as regiões do Brasil há comunidades que, em algum momento da história, foram impactadas pela construção de grandes obras. Embora as letras das canções funcionem como um manifesto contra a construção das duas usinas hidrelétricas no Rio Madeira e a consequente destruição da cachoeira de Santo Antônio, ao invocar a memória coletiva do local histórico que integra o cotidiano dos moradores da cidade, a composição também sensibiliza pessoas de outras regiões que tenham contato com a composição.

Ana Pizarro em sua obra *Amazônia: As vozes do rio: imaginário e modernização* de 2009, nos traz uma reflexão que corrobora com nossas análises:

A vida para os habitantes da região mudou desde a década de 1960. Já não se organizou mais a partir dos rios, uma vez que os interesses que se projetavam dos escritórios oficiais, localizados no Sul do país, começava, a se definir peça exploração do subsolo, visando extrair as enormes riquezas minerais, o que determinou as condições de modernização – estradas e energia – que atrairia o grande capital nacional e o internacional. (Pizarro, 2009, p. 167)

Porto Velho é uma cidade jovem, se comparada com outras capitais da região Amazônica, mas carrega consigo muita história, principalmente por estar situada em um espaço de interesse capitalista. Então, quando a letra de *Em cima da pedra* (2007) cita “Mas assim se tem dinheiro pode mandar destruir”, temos uma referência ao progresso opressor que norteia a história da cidade, como tantas

¹⁸ULTIMATO. *Em cima da pedra*. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=uoa1rEifr7I> . Acesso em 19 jan. 2024.

¹⁹ULTIMATO. *Cidade sol*. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=DQHfwVMgcmo> . Acesso em 19 jan. 2024.

outras obras grandiosas que deram origem a Porto Velho e trouxeram os moradores que consolidaram a cidade como uma capital de imigrantes no início do século do XX: a Estrada de Ferro Madeira Mamoré, as Linhas Telegráficas de Rondon e a abertura da BR-029, culminando recentemente com a construção das usinas supracitadas. Todas essas obras afetaram a paisagem geográfica e o cotidiano dos moradores locais, aparecendo com muita frequência em várias produções artísticas da cidade.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este artigo buscou confrontar a produção literária voltada para o gênero canção para conseguirmos observar como os artistas compõe suas letras sob os mais variados temas, sendo as canções das bandas de rock as que mais se debruçam sobre conteúdos abrangentes que refletem os mais variados aspectos da vida e do ser humano e se afastam dos estereótipos amazônicos.

Ao abordar a produção de canções em Porto Velho, a pesquisa destaca a diversidade de temas, influências e abordagens, desde composições que mergulham na tradição amazônica até aquelas que se expressam em língua inglesa, evidenciando a pluralidade de vozes e experiências na região. É fundamental reconhecer que essas composições também são uma expressão de nossa cultura, embora ao longo do tempo tenham adquirido características de outros contextos socioculturais, distintos do ambiente do caboclo rural.

A pesquisa historiográfica sobre canções de rock em Porto Velho relembra a importância da história da literatura, ainda que tenha sido relegada em algumas épocas. A crítica à historiografia literária tradicional, conforme discutido por Roberto Acízelo Souza (2014), destaca a necessidade de uma abordagem mais dinâmica e relevante para compreender a historiografia literária, incluindo as produções da região Amazônica.

Resumidamente, a canção, considerada um gênero literário, ultrapassa limites temporais e geográficos, manifestando-se como uma expressão artística profunda e diversificada. A análise apresentada destaca a relevância de reconhecer a canção de rock originária de Porto Velho como uma expressão literária autêntica e diversa, contribuindo para enriquecer nossa compreensão da interseção entre poesia e canção ao longo da história contemporânea.

Como apontado no início deste trabalho, o tema desta pesquisa é pouco explorado ou quase inexistente. A partir da investigação realizada, concluímos que há espaço e material suficientes para a continuidade deste estudo. A análise das composições dos artistas de Porto Velho, e possivelmente de

todo o estado de Rondônia, pode ser expandida, proporcionando novos recortes de análise e enriquecendo as pesquisas sobre o gênero canção e a historiografia literária.

REFERÊNCIAS

CARA, Salete de Almeida. **A poesia lírica**. 1º ed. São Paulo: Ática, 1985.

CÂMARA, Luís da Câmara. **Literatura oral no Brasil**. 2º ed. São Paulo: Global, 2006.

CARVALHO, Denis; FERNANDES, Patrícia Sautiro. **Entrevista com Denis Carvalho**. (Arquivo pessoal - áudio). [Entrevista concedida a Patrícia Sautiro Fernandes]. Porto Velho, jan. 2024.

DANTAS, Hélio; FERNANDES, Patrícia Sautiro. **Entrevista com Hélio Dantas**. (Arquivo pessoal - áudio). [Entrevista concedida a Patrícia Sautiro Fernandes]. Porto Velho, nov. 2023.

FERNANDES, José Guilherme dos Santos. **Literatura brasileira de expressão amazônica, literatura da Amazônia ou literatura amazônica?** Revista Graphos, [S. 1.], vol. 6, n. 2, p. 111-116, 2004. ISSN 1516-1536. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/graphos/article/view/9540> . Acesso em 13 dez. 2023.

FISCHER, L. A. **Duas formações, uma história: das ideias fora do lugar ao perspectivismo ameríndio**. Porto Alegre: Arquipélago, 2021.

LOUREIRO, João de Jesus Paes. **Cultura Amazônica: Uma poética do imaginário**. 5º ed. Manaus: Valer, 2015.

MARINI, Giovanni; FERNANDES, Patrícia Sautiro. **Entrevista com Giovanni Marini**. (Arquivo pessoal - áudio). [Entrevista concedida a Patrícia Sautiro Fernandes]. Porto Velho, nov. 2023.

PIZARRO, Ana. **Amazônia: as vozes do rio: imaginário e modernização**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2012.

SOUZA, Roberto Acízelo. **História da Literatura – Trajetória, fundamentos, problemas**. São Paulo: É Realizações, 2014.

ZUMTHOR, Paul. **A letra e a voz: a literatura medieval**. Tradução: Amálio Pinheiro, Jerusa Pires Ferreira. 1º ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

SITOGRAFIA

COVEIROS. **Página oficial da Coveiros**. Instagram: @coveiroshc. Disponível em: <https://www.instagram.com/coveiroshc/> . Acesso em 26 mai. 24.
<https://g1.globo.com/pop-arte/noticia/2016/10/bob-dylan-ganha-o-premio-nobel-de-literatura-2016.html>

NITRO. **Página oficial da Nitro.** Instagram: @bandanitro. Disponível em: <https://www.instagram.com/bandanitro/> . Acesso em 26 mai. 24.

QUILOMBOCLADA. **Página oficial da Quilomboclada.** Instagram: @quilomboclada. Disponível em: <https://www.instagram.com/quilomboclada/> . Acesso em 26 mai. 24.

SESC TV. **Letra de música é poesia?** Youtube, 10, out. 2019. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=W0LJWGe37i4>>. Acesso em 17 out. 2023.

ULTIMATO. **Página oficial da Ultimato.** Instagram: @ultimato.br. Disponível em: <https://www.instagram.com/ultimato.br/> . Acesso em 26 mai. 24.

VERSALLE. **Página oficial da Versalle.** Instagram: @bandaversalle. Disponível em: <https://www.instagram.com/bandaversalle/> 26 mai. 24.

VIGNOLI Comunicação Ltda. Documento eletrônico. Disponível em <<https://www.letras.mus.br/>> Acesso em 10 dez. 2023.

Data de submissão: 12/06/2024

Data de aprovação: 06/11/2024